

Exercício: Culpabilização da vítima em casos de violação

O exercício pretende realçar a frequente culpabilização da vítima que ocorre em casos de violação. Imagine se os tipos de perguntas normalmente feitas às vítimas de violação fossem feitas a uma vítima de roubo. O texto a seguir pretende ilustrar como tal entrevista ocorreria.

“Mr. Smith, foi assaltado À mão armada na esquina da First com a Main?”

“Sim.”

“Lutou com o assaltante?”

“Não.”

“Porque não?”

“Ele estava armado.”

“Então, tomou a decisão consciente de satisfazer as exigências dele em vez de resistir?”

“Sim.”

“Gritou? Pediu ajuda?”

“Não, eu estava com medo.”

“Percebo. Já tinha sido assaltado?”

“Não.”

“Já alguma vez deu dinheiro?”

“Sim, claro.”

“Fê-lo de livre vontade?”

“Onde é que quer chegar?”

“Bem, coloquemos as coisas desta forma, Sr. Smith. Já deu dinheiro no passado. De facto, tem uma grande reputação de filantropia. Como podemos ter a certeza de que não estava a CONTRIBUIR para que o seu dinheiro lhe fosse retirado à força?”

“Oiça, se eu quisesse –”

“Não interessa. A que horas ocorreu este assalto, Mr. Smith?”

“Por volta das 23.00.”

“Estava na rua às 23h? A fazer o quê?”

“Apenas a passear.”

“Só a passear? Sabe que é perigoso andar na rua a essa hora da noite. Não sabia que podia ter sido assaltado?”

“Não tinha pensado nisso.”

“O que é que estava a usar na altura, Mr. Smith?”

“Vejam...um fato. Sim, um fato.”

“Um fato CARO?”

“Bem sim. Sabe, sou um advogado de suceso.”

“Por outras palavras, Sr. Smith, andava pelas ruas a altas horas da noite com um fato que praticamente publicitava o facto de poder ser um bom alvo para algum dinheiro fácil, não é verdade? Quer dizer, se não soubéssemos, Sr. Smith, poderíamos até pensar que o senhor estava a pedir que isto acontecesse, não é verdade?”

De “The Legal Bias Against Rape Victims (The Rape of Mr. Smith).” Connie K. Borkenhagen, American Bar Association Journal. April, 1975